

que não cabem nas frases em que só o amor ainda cabe?

São estas as fórmulas do princípio: daqui podem nascer os caminhos que não acabam, ou terminar esses becos que se adivinham num dobrar de esquina. («Estratégia», 76).

Esta ideia surge, aliás, logo na página de abertura, com a pergunta: «que vida permite, ainda, que se atravessem / pontes sem regresso, e se deixe para trás / a paisagem conhecida, o refúgio das margens?», num poema curiosamente chamado «Destino» (9-10), que, referindo-se a uma obsessão, deixa no entanto sentir uma ânsia de liberdade. Da mesma forma que relemos, ainda, em «Pragmática» (22-3) — talvez numa teorização renovada da poética de Nuno Júdice? —, que

o caminho mais simples é o que não passa por fronteira alguma; o que não obriga a que se olhe para o outro lado da linha; o que tem um princípio e um fim, mesmo que isso também seja complicado.

A confirmar-se esta nova direcção, dá-nos que pensar como a absorverá a poética anterior, ou que tipo de articulação exigirá aquela demanda da raiz antiga, comunhão de palavra e de ser, tão alheia a noções de limites. Por ora, permanecem, contudo, o lirismo e a harmonia, dando mostras de um desejo constante de ordem e perfeição, afinal o centro da desejada fonte da vida, na obra deste poeta.

Maria José Canelo

Rosa Alice Branco,
O único traço do pincel.
Porto, Limiar, 1997.

Em 1993 apareceu, publicado também pela Limiar, um interessante ensaio de reflexão estética assinado por Rosa Alice Branco, intitulado, *O que falta ao mundo para ser quadro*. O ensaio terminava com com um aparente, banal lugar comum: «O que falta ao mundo para ser quadro? *Falta-lhe rigorosamente ser quadro*» (p. 76). Numa das epígrafes que escolhe para abrir o seu último livro de poemas (atribuída a Zhuang Zi) — «Ao fim dos dez anos, Chuang-Tsu pegou no pincel e num instante, com um único traço, desenhou um caranguejo, o caranguejo mais perfeito que jamais se tinha visto» — Rosa Alice Branco estabelece com os seus leitores um pacto milenar, que teoricamente traçara no ensaio anterior: a construção do mundo reside no olhar humano (cf. *O que falta ao mundo para ser quadro*, p. 12). Uso aqui 'olhar humano' como metáfora para a arte e a poesia — o traço do pincel que dá sentido à vida. Em *O único traço do pincel*, o amor é a metáfora desta metáfora, apendizagem-de-ser na entrega total do humano, como no lirismo reinventado de «Os lábios do tempo» (p. 20):

Regresso às coisas simples
como se aprendesse o alfabeto
e tu me ensinasses a soletrar
a árvore onde damos sombra
o fruto que alimentamos com os lábios.
Ao meio-dia
o entardecer cavalga sobre nós
e à mesma hora
a noite chega com um traço
que afaga as cores da sombra.
É assim que alimentamos o tempo
e os animais sentam-se à espera das sobras
para escreverem a nossa história.

Afinal, mau-grado o caranguejo perfeito do pintor, o que dá sentido à poesia é o que

